

MULHERES DE CLASSES POPULARES E O FAZER A VIDA: ENTRE ESTRATÉGIAS E LAÇOS SOCIAIS

GABRIELA PECANTET SIQUEIRA¹; MARILIS LEMOS DE ALMEIDA²

¹ PPG em Sociologia/Universidade Federal de Pelotas – gabrielapecantet@gmail.com

² PPG em Sociologia/Universidade Federal de Pelotas – marilis_almeida@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esta escrita trata da pesquisa de doutorado em andamento, no Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPel, que busca compreender como mulheres de classes populares mobilizam os laços sociais na suas estratégias para fazer a vida em contextos de vulnerabilidades, precariedade laboral e sobreposição de jornadas de trabalho. Mulheres pertencentes às classes populares enfrentam condições de vida atravessadas por desigualdades estruturais que limitam o acesso a direitos, oportunidades e mecanismos de proteção social. A sobrecarga derivada da divisão sexual do trabalho, a responsabilidade majoritária pelo cuidado dos filhos e pela gestão doméstica, a baixa remuneração e a instabilidade laboral configuram elementos constitutivos do cotidiano (SUCUPIRA, 2016). A estas restrições acrescem-se entraves vinculados ao acesso a serviços essenciais, como saúde, educação, saneamento básico e transporte público, cuja precariedade se expressa de forma mais aguda nos territórios periféricos (PICANÇO, ARAÚJO, COVRE-SUSSAI, 2021; ROVERE, 2023).

Em contrapartida, elas constroem alternativas no esforço contínuo de mobilizar um repertório de práticas e relações por meio dos quais constroem, sustentam e reinventam suas condições de existência. Tais mobilizações podem ser compreendidas como estratégias no sentido bourdieusiano, ou seja, práticas orientadas pelas disposições incorporadas e pelas condições objetivas, não necessariamente fruto de planejamento racional, mas de ajustamentos cotidianos diante das possibilidades e limites contextuais (BOURDIEU, 2020). Para além da troca de força de trabalho por dinheiro, existe uma pluralidade de relações que possibilitam a reprodução e a proteção social frente a vulnerabilidades. Neste sentido, o enfoque no trabalho e nos laços sociais (PAUGAM, 2025) justifica-se pelo papel que desempenham na infraestrutura da organização da vida cotidiana. No presente trabalho são apresentadas a análise da trajetórias sociais de três mulheres, Jéssica, Juliana e Francisca¹.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é realizada a partir de entrevistas narrativas biográficas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2019) e observação de campo em Pelotas, RS. Neste trabalho, são analisadas as trajetórias de vida de três mulheres, como estudos de caso, para observar as formas singulares de fazer a vida, além de possibilitar lançar luz nas diferentes dimensões imbricadas aos laços sociais. Em um primeiro momento, cada trajetória foi analisada de maneira individual, de modo a aprofundar o olhar sobre as especificidades das experiências, e, posteriormente, por uma perspectiva comparativa, que permitiu identificar aproximações, tensões e diferenças entre os casos.

¹ Os nomes são fictícios para preservar a identidade das interlocutoras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As trajetórias de vida revelam que a trama de laços sociais, centralidade do trabalho de cuidado, instabilidade laboral e a fragilidade na proteção social condicionam de maneiras distintas as estratégias para fazer a vida. Jéssica, 36 anos, mulher negra, mãe de três (uma criança e dois jovens) e casada, tem uma trajetória marcada por deslocamentos, laços desfeitos e reconstruídos, e experiências de vida atravessada pela precariedade material e pelo acesso restrito a serviços públicos.

Filha mais velha de três irmãs, saiu de casa aos 18 anos para viver com o namorado, casou e engravidou logo em seguida, o que a fez interromper os estudos. A decisão precoce de sair de casa, contra a vontade da família, desencadeou uma trajetória de deslocamentos sucessivos e fragilização de redes de apoio, dificultando a formação de laços duradouros. Mesmo quando conseguiu estabelecer conexões mais fortes, como no período em que sua filha esteve hospitalizada em UTI neonatal, as mudanças seguintes dissolveram estes laços. O casamento tampouco se configurou como espaço de proteção: o primeiro foi atravessado pelo alcoolismo do marido e resultou em separação; o segundo, que perdura, enfrenta episódios de violência doméstica, sobrecarga de responsabilidades e a pressão moral de cuidar de um marido adoecido em hemodiálise, obrigação que ela cumpre com exaustão, embora reconheça não estar feliz.

A vida de Jéssica é atravessada de forma contínua pelo trabalho de cuidado, tanto remunerado quanto não remunerado. Desde a adolescência trabalhou como babá e cuidadora, além de ter realizado atividades em diferentes ocupações precárias — em ótica, lancheria, companhia telefônica, como diarista por plataformas — compondo uma trajetória laboral fragmentada e irregular, alternada com períodos de dedicação exclusiva à casa, aos filhos e, mais recentemente, ao marido doente. O cuidado como obrigação, ancorado em moralidades de gênero, ocupa centralidade em seu cotidiano.

Atualmente, Jéssica vive com o marido e os filhos na periferia. Relata sofrimento psicológico agravado pela dificuldade de acesso ao atendimento público de saúde, pela invalidação de sua dor no ambiente doméstico e pela ausência de redes familiares de apoio, contando apenas com o auxílio intermitente dos filhos mais velhos. Embora conte eventualmente com a solidariedade de amigos e da Igreja Mórmon são redes incapazes de alterar de forma mais permanente sua condição de vida. A família depende de programas sociais como o Bolsa Família e o BPC, além da pensão alimentícia dos filhos, nem sempre pagas, compondo uma renda instável. Entre a precariedade do trabalho, a sobrecarga dos cuidados e a fragilidade dos laços, a trajetória de Jéssica é marcada pela ausência de perspectivas, que ela mesma sintetiza: “Hoje a minha vida tá meio estagnada. Meio sem rumo...”.

Juliana, 58 anos, mulher negra, mãe de três filhos adultos e solteira, mora atualmente com a mãe idosa e a filha mais nova em um apartamento alugado no centro de Pelotas. Sua trajetória é marcada por mudanças de residência, inserções frágeis em redes de vizinhança e uma sobrecarga de responsabilidades, sobretudo no cuidado com a mãe. Desde os nove anos assumiu tarefas domésticas, posição que se prolongou em diferentes momentos de sua vida, seguindo uma moralidade familiar que a responsabilizou pelo cuidado. Casou-se jovem, após a primeira gravidez, mas se separou nove anos depois, momento que reconstruiu sua vida como mãe solo. Embora tenha enfrentado períodos de instabilidade financeira, buscou garantir o sustento

familiar por meio de trabalhos variados, intercalando ocupações formais e informais. Estes momentos, de instabilidade e precariedade, marcaram sua trajetória, agravados por episódios de adoecimento psíquico que culminaram em depressão e hospitalização, consequência da sobrecarga de responsabilidades e da fragilidade das condições de trabalho.

Aos 50 anos ingressou na universidade pública, marco em seu processo de autoidentificação racial e que também a aproximou de coletivo de mulheres empreendedoras negras. Este envolvimento transformou-se em oportunidade de afirmação identitária e de geração de renda, ainda que limitada pelas exigências do trabalho de cuidado com a mãe, que restringem sua participação ativa nos grupos coletivos que têm contato. No seio familiar, a dedicação de Juliana à esfera dos cuidados convive com contradições em torno da não valorização do seu trabalho. Apesar de estar disponível ao longo de sua vida ao sobrinho, a irmã e a mãe, foi alvo de julgamentos que a rotularam de “ovelha negra”.

Francisca, 53 anos, branca, casada, mãe de dois adultos e avó, foi criada em uma família numerosa e católica. Ela casou-se jovem e se mudou para a colônia de pescadores da Lagoa dos Patos. A vida na beira da lagoa, marcada por trabalho coletivo e apoio mútuo, consolidou sua inserção comunitária e laços de vizinhança. Até os filhos nascerem, dedicou-se à pesca com o marido, porém a maternidade diminuiu sua participação na atividade. A instabilidade da renda a levou a participar de grupo voltado à produção de artesanatos, que inicialmente complementava a renda familiar. A iniciativa se fortaleceu com apoio do SEBRAE, Embrapa, UFPEL e IBAMA, possibilitando o acesso a projetos, capacitações e recursos. O grupo, que já completa 16 anos de existência e reconhecimento nacional, foi decisivo na redefinição de sua posição social e no fortalecimento de sua autonomia. Atualmente, a renda proveniente dessa atividade corresponde a metade do orçamento doméstico.

Além disso, por ser a filha mais nova, Francisca não foi responsabilizada pelo cuidado na infância e juventude. Já na vida adulta, embora tenha assumido a responsabilidade principal pelos filhos, conseguiu manter-se ativa em espaços de seu interesse, como a pesca e igreja. Posteriormente, com o envelhecimento dos mais velhos da família, a coesão familiar favoreceu uma divisão compartilhada das tarefas de cuidado, impedindo que recaísse sobre ela com um peso excessivo. Estes fatores possibilitaram que ela tivesse tempo para nutrir e expandir suas relações sociais. Assim, Francisca mobiliza diferentes tipos de laços que a integram ao tecido social. A interlocutora é alguém que “conta com” e “importa para”, nos termos de Paugam, em diversas esferas da vida, resultando em uma existência social mais segura, frente a vulnerabilidades, e valorizada, quando comparada a Jéssica e Juliana, o que fortalece suas estratégias no fazer a vida.

A presença de laços sociais não se traduz automaticamente em maior proteção e fortalecimento de estratégias. No caso de Jéssica, os laços de filiação não oferecem suporte, enquanto os constituídos com o casamento, acabam por intensificar seu sofrimento psíquico; já os laços com amigos e a igreja são mobilizados principalmente em momentos de crise, sem sustentar mudanças duradouras em sua vida. Juliana, embora conte com laços sociais diversificados, encontra nos laços de participação eletiva apoio afetivo e simbólico, ao passo que os familiares, atravessados pelas demandas do trabalho de cuidado, impõem restrições que limitam suas oportunidades laborais. Francisca, por sua vez, mobiliza de forma contínua diferentes laços que sustentam suas estratégias tanto no âmbito produtivo quanto reprodutivo. Estes contrastes mostram que os laços não são igualmente acessíveis nem de mesma qualidade, reconfigurando-se

conforme as contingências da vida. Podem abrir caminhos de inserção, manutenção e apoio, mas também impor barreiras quando atravessados por expectativas familiares e pela reprodução de papéis de gênero, evidenciando o trabalho como espaço econômico e relacional que tanto amplia quanto limita as possibilidades de ação das mulheres.

4. CONCLUSÕES

As trajetórias de Jéssica, Juliana e Francisca permitem compreender que o trabalho e os laços sociais se entrelaçam, em meio a tensões permanentes entre vulnerabilidades estruturais e possibilidades viáveis, de maneira complexa e desigual na vida de mulheres de classes populares. Se, por um lado, laços sociais podem ampliar o acesso a recursos, oportunidades e proteção frente às vulnerabilidades, por outro, também podem se configurar como espaços de restrição e reprodução de desigualdades, sobretudo quando atravessados por expectativas de gênero e pela centralidade do trabalho de cuidado. Este contraste revela que a proteção conferida pelos laços sociais depende de sua densidade, diversidade e da forma como são mobilizados em relação às condições objetivas e subjetivas da vida.

Enquanto em algumas trajetórias a família de origem e o casamento se configuraram mais como barreiras do que como suporte, em outras podem assumir papel distinto. Já a inserção e participação ativa em coletivos mostra-se particularmente significativa por possibilitar a ampliação de sociabilidade, a circulação de recursos e a construção de maior autonomia e proteção social. Assim, os laços mais do que recursos auxiliares, sustentam as possibilidades e os limites de ação, contribuindo para iluminar tanto os mecanismos de precarização e sobrecarga quanto os de resistência, solidariedade e agência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. Estratégias de reprodução e modos de dominação. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 17, n. 33, p. 21–36, 24, jan., 2020.

PAUGAM, S. **A sociedade em laços**: teoria do vínculo social. Ateliê de Humanidades. 2025.

PICANÇO, F.; ARAÚJO, C.; COVRE-SUSSAI, M. Papéis de gênero e divisão das tarefas domésticas segundo gênero e cor no Brasil: outros olhares sobre as desigualdades. **Revista bras. Est. Pop.**, v. 38, p. 1-31, 2021.

ROVERE, T. **Territórios de (re)existência**: cidades, mulheres e as redes de cuidado como subversão da política pública habitacional. 2023. 213 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) — Universidade de Santa Cruz do Sul, 2023.

SUCUPIRA, F. Divisão sexual do trabalho e o tempo cotidiano das mulheres de baixa renda. **Rev. Inst. Filos. Ciênc. Hum.** UNICAMP, v.7, n.1, p. 15-40, jan/jul. 2016.